

Zerar o déficit sem aumentar tarifas

A SUGESTÃO É DE ECONOMISTAS E EMPRESÁRIOS AO NOVO MINISTRO DA FAZENDA

Para zerar o déficit operacional, o governo (leia-se o novo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso) terá de ser duro no controle das despesas, sem cair na tentação de resolver o problema apenas pelo lado do aumento das receitas, adverte Sideval Aroni, presidente do Sindicato dos Economistas do Estado de São Paulo. Nesse ponto, uma das questões que devem ser administradas com

cautela é a do reajuste dos preços públicos e insumos das estatais. "Se o governo elevar suas tarifas, sem cortar gastos, isto pode ser duplamente inflacionário", diz ele. Um dos principais fatores de pressão inflacionária têm sido justamente os preços do governo.

Apenas no mês passado, as tarifas de energia elétrica subiram 51,2%. Até o último dia 10, acumulavam alta de 196,85%, para

uma inflação estimada no período de 182,54%, segundo dados da GPC Consultores. Os insumos das estatais da área siderúrgica e petroquímica também ajudaram a puxar a inflação.

O polietileno fornecido pelas companhias petroquímicas de segunda geração (nas quais o governo tem forte participação acionária) subiu 210% de janeiro até o início de maio, segundo o Sindica-

to da Micro e Pequena Indústria (a inflação da Fipe no período foi de 156,8%). As chapas de aço também foram reajustadas em 307%, até o último dia 10, porque alguns fornecedores do setor repassaram os aumentos das estatais. "O governo é maior senhor feudal dos oligopólios e monopólios e isso influencia fortemente a inflação", critica Luiz Fernando Furlan, do Grupo Sadia.